

Os Seminários em que vivi



Por
SILVA ARAÚJO

Início hoje a publicação de um conjunto de memórias que retenho sobre os Seminários em que vivi: Seminário de Nossa Senhora da Conceição (Seminário Menor), Seminário de Santiago, Seminário Conciliar da Rua de Santa Margarida.

Nelas revivo o percurso feito por mim e pelos que comigo iniciaram idêntica caminhada em 14 de outubro de 1947.

Porque se trata de um percurso feito em grupo, tanto escrevo na primeira pessoa do singular como na primeira do plural.

Várias décadas volvidas, penso ser de interesse dar a conhecer a vida nos Seminários Diocesanos naqueles recuados tempos.

Tenho a consciência de que outros o poderão fazer melhor do que eu. Se esta minha iniciativa for o pontapé de

saída para que outros falem também das suas vivências, encantado.

Tratando-se de um texto longo, irá ser publicado ao longo de vários números no suplemento "Cultura".

Caminhada de doze anos

Entrei para o Seminário de Nossa Senhora da Conceição, onde iniciei a caminhada rumo ao sacerdócio, em 14 de outubro de 1947. Consta de três grandes etapas: Curso de Humanidades (no Seminário Menor), Curso de Filosofia (no Seminário de Santiago) e Curso de Teologia (no Seminário Conciliar).

Éramos, naquele primeiro ano, 168. Porque nem todos avançaram ao mesmo ritmo, no segundo ano (1948/49), com alguns que se nos juntaram, éramos 136. Éramos 114 no terceiro ano (1949/50). No último ano que ali estivemos (1950/51) encontrávamo-nos reduzidos a 97.

Frequentámos o quinto ano, o último do Curso de Humanidades (1951/52), no Seminário Conciliar, na Rua de Santa Margarida. Éramos 89.

No Seminário de Santiago, assim chamado por causa do largo situado em frente, onde, noutros tempos, tinha estado o Colégio de S. Paulo, frequentámos os três anos do Curso de Filosofia.

No primeiro ano (1952/53) – éramos 66. No segundo (1953/54), 44. No terceiro, (1954/55), 40. Foi, como se vê, o período da grande monda.

Regressámos ao Seminário Conciliar para os quatro anos de Teologia. De 1955/56 – primeiro ano – éramos 36. De 1956/57 – segundo ano – continuávamos 36. De 1957/58 – terceiro ano – des-cemos para 32.

No último ano, de 1958/59,

éramos 30.

Fomos ordenados sacerdotes 29.

Chegado ao fim, como que voltei ao princípio. Iniciei o ministério sacerdotal no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, onde servi como prefeito e professor entre 1959 e 1965.

I - Entrada no Seminário

A primeira vez que entrei no Seminário de Nossa Senhora da Conceição (Seminário Menor) foi em agosto de 1947, quando fui fazer o exame de admissão. Acompanhou-me um seminarista mais velho, o Francisco Dias de Azevedo, que veio a ser pároco de Balasar.

Vivia em Oliveira Santa Maria, arciprestado de Vila Nova de Famalicão, e era irmão de um companheiro de trabalho do meu pai. Daí o meu pai ter-lhe pedido que me preparasse para o referido exame. Diversas vezes fui, a pé, de Gondar a Oliveira Santa Maria, para receber explicações.

Aprovado no exame, orientado pelo Francisco Dias de Azevedo fiz o requerimento para admissão ao Seminário. Acompanhou-o um atestado do meu Pároco, P. Álvaro José da Costa, e um atestado médico, passado pelo Dr. Manuel Melo, que tinha consultório em S. Jorge de Selho (Pevidém).

Entrei depois no Seminário, como disse, em 14 de outubro de 1947. Éramos 168, neste número incluídos os repetentes, e fomos distribuídos por três turmas.

Naquele ano letivo de 1947/48 havia no Seminário de Nossa Senhora da Conceição alunos dos 1.º ao 5.º anos, num total de 534.

O quinto ano passou para o Seminário Conciliar no ano de 1949/50.



No primeiro ano do Seminário Menor. 1947-1948. Matriculámo-nos 168.

Os que comigo se matricularam em 1947 eram procedentes dos arciprestados de: Amares, 1. Arcos de Valdevez, 7. Barcelos, 15. Braga, 12. Cabeceiras de Basto, 3. Celorico de Basto, 2. Esposende, 5. Fafe, 10. Famalicão, 21. Guimarães, 22. Melgaço, 8. Monção, 12. Ponte da Barca, 4. Ponte de Lima, 2. Póvoa de Lanhoso, 2. Terras de Bouro, 2. Valença, 4. Viana do Castelo, 17. Vieira do Minho, 6. Vila do Conde, 3. Vila Verde, 8. Dois condiscípulos, irmãos, um natural de Castro Marim e outro de Silves, residiam no arciprestado de Vieira do Minho.

Recorde-se que só em 03 de novembro de 1977 se criou a diocese de Viana do Castelo.

Trouxe comigo uma mala de madeira, que me acompanhou durante toda a vida de seminarista e guardo religiosamente na casa que foi dos meus pais, em Gondar. Tinha ido com meu pai comprá-la a Vila Nova de Famalicão, à feira de S. Miguel. Fomos de autocarro (a gente chamava-lhe camionete). À vinda, já noite, só tivemos transporte até à Santana, junto de Riba de Ave. Viemos a pé para Gondar. O meu pai, com a mala às costas.

Na mala vinha o enxoval, que a minha mãe e as minhas irmãs mais velhas prepararam. Todas as peças eram marcadas com o número que me foi atribuído: 491. Foi esse o número da roupa que tive



durante toda a vida de seminarista. Além desse tive o número das aulas, que variava de ano para ano.

Acompanhou-me ao Seminário o meu Pai. Vim de autocarro de Pevidém para Guimarães e de Guimarães para Braga.

Além dessa tive uma outra mala, que utilizava nas idas e vindas de férias. Às vezes, com bons propósitos de estudar em casa, carregava-a de livros que não chegava a abrir.

O primeiro discípulo que conheci, já em Braga, a caminho do Seminário, nas proximidades da Senhora-a-Branca, foi Francisco Eugénio Morais de Meireles, falecido há anos.

Foi custosa a entrada no Seminário e a despedida do meu Pai. Como tinha sido custosa, em casa, a despedida da Mãe e das quatro irmãs.

No Seminário era Director e Prefeito de Estudos o Cónego Manuel Luís da Costa Azevedo (nomeado Monseñor em 15 de dezembro de 1950). Prefeito de Disciplina, o P. Apolinário Rodrigues Rios, que veio a ser nomeado Cónego. Secretário, P. Job Teixeira. Ecnómo, P. Américo Ferreira Alves. Directores espirituais, P. António Rocha e P. António Pires Ribeiro, da Companhia de Jesus.

À frente da Igreja Universal estava Pio XII (1939-1958); da Igreja Bracarense, D. António Bento Martins Júnior (1932-1963). Falecido este em 19 de agosto de 1963, sucedeu-lhe o que tinha sido seu Auxiliar, D. Francisco Maria da Silva, que havia sido ordenado bispo em 31 de março de 1957, e veio a falecer em 14 de abril de 1977.

A Pio XII, que faleceu em 9 de outubro de 1958, sucedeu

João XXIII, eleito em 28 de outubro daquele ano. Veio a falecer em 3 de junho de 1963.

Uma casa em obras

A parte mais antiga do Seminário Menor, quando lá entrei, era a que se encontra voltada para a Rua de S. Domingos. Ali se situava o nosso salão de estudo – no rés-do-chão – e do lado oposto, mas já no primeiro andar, a capela que começámos por frequentar, para onde subíamos por uma escada em caracol.

Ainda no rés-do-chão, e também na parte mais antiga mas já no interior, um pouco antes da campinha, junto da qual era a barbearia, ficava a Sibéria, como lhe chamávamos. Era uma sala frigidíssima, com o chão em cimento, onde não havia tapetes (e só anos depois vim a saber o que eram os chinelos de quarto), que foi utilizada por muitos de nós como dormitório. Hoje é um espaço airoso, aberto, situado em frente da Secretaria, entre a capela grande e o corredor que dá acesso ao moderno Auditório Vita.

A casa encontrava-se em obras. Estava por concluir a atual capela grande. Esta em 2015 sofreu obras de remodelação que, em meu entender, a descaracterizaram por completo. Deixou de ser a capela onde rezei como aluno e, mais tarde, como prefeito. Hoje chamam-lhe Capela Imaculada.

No Seminário tudo para mim foi novo. Tive como prefeitos, no primeiro ano, os padres José Ferreira da Silva e Manuel Moreira da Silva. Este, ordenado sacerdote naquele ano. O primeiro, já veterano, dedicava-se muito à venda de artigos religiosos. Já nesse tempo editava catecismos muito ilustrados e encarregava-nos de os vender nas férias, dando como prendas bolas de futebol, de borracha, que sempre eram muito melhores do que as de trapos.

Eram nossos amigos. Recordo-me de uma valente bofetada que me deu o P. Ferreira da Silva por ter, à merenda, pegado em dois trigos, mas entendemo-nos sempre bem.

O dinheiro que tínhamos

devia, em princípio, ser «depositado» num dos prefeitos, que no-lo devolvia antes de irmos para férias.

Salão de estudo

O amplo salão de estudo ficava no primeiro andar, ao longo da Rua de S. Domingos, à direita da portaria, onde hoje funcionam os Serviços Centrais da Arquidiocese. Ao fundo tinha uma porta que dava para as instalações sanitárias.

No salão de estudo o silêncio era obrigatório, a não ser nos tempos de recreio. Obrigatório era também o silêncio no dormitório, nas instalações sanitárias, na capela, nos corredores.

Cada aluno tinha a sua carteira e a respetiva cadeira. Aquela era uma caixa de madeira colocada sobre um suporte de ferro, no interior da qual se guardavam os livros e os objetos de escritório. Fechada a referida caixa, a tampa fazia de secretária.

Era obrigatório manter a carteira devidamente arrumada. O Padre Prefeito, por si ou por outrem, encarregava-se de, através de vistorias periódicas, verificar se se encontrava em condições ou se se tinha convertido numa sapataria, como se afirmava.

Obrigatório também era manter limpo o espaço envolvente e a carteira alinhada com as demais, para o que até se fazia, no chão, um sinalzinho com giz.

Semanalmente, durante o recreio do fim de almoço, grupos que se organizavam por turnos procediam à limpeza geral do salão. Para não levantar pó utilizava-se serim molhado.

A meio do salão havia um estrado com uma mesa, a mesa da prefeitura, embora nem sempre fosse ocupada pelo Padre Prefeito. Daí se exercia a vigilância, se liam as notas, se fazia a leitura espiritual, se davam aulas de civildade, se comentavam passagens do Regulamento.

Durante o tempo em que lá estava havia alturas em que o P. Moreira da Silva passava pelo sono. Acordado com barulho, ordenava: quem estava a falar vai para ali de joelhos. E apontava a parte da frente do salão, onde existiam uns

pilares com imagens religiosas. Não me apetecia nada ir, mas atrás de mim ouvia um discípulo, já falecido e cujo nome não menciono, que sussurrava: vai, se não eu acuso-te. E, com receio de ser acusado, lá ia, de livro na mão, estudar (ou fingir que estudava), de joelhos, em frente à parede.

Um dos males de que me recordo era realmente o dos acusa-Pilatos. Meninos que, talvez para serem agradáveis ao Prefeito, denunciavam os companheiros. Se os Prefeitos lhes davam ouvidos ou não, não sei. Mas que os tais meninos ameaçavam e chantageavam com isso, é verdade.

À entrada do salão havia um armário onde o P. Job Teixeira guardava os artigos de escritório e de higiene que, periodicamente, distribuía. Requisitávamo-los mediante o preenchimento de uma caderneta, onde tudo se apontava: o objeto, o respetivo preço e a soma do total da despesa. A quem se enganasse nas contas ou pretendesse comprar algo de que, em seu entender, não precisava, além de recusar o fornecimento dos objetos o P. Job não se dispensava de, conforme a pedagogia do tempo, distribuir uns sapapos ou mandar a caderneta pelo ar.

Também era o P. Job quem, nos primeiros dias do ano, fazia uma fotografia de cada curso, para o que se montavam umas bancadas no recreio do primeiro ano.

Este ia mais ou menos até ao local onde se encontrava um busto evocativo de Mons. Fernandes Lopes.

Encostada ao muro que dá para o que era o Colégio do Sagrado Coração de Maria (hoje, Escola Dr. Francisco Sanches) havia a padaria, onde se fabricava toda a espécie de pão consumido no Seminário. E era bom.

A seguir à padaria ficavam umas instalações sanitárias à antiga portuguesa (retretes).

Sala de jantar

A sala de jantar – chamava-se refeitório – era um amplo salão, com compridas mesas, penso que de doze pessoas, e com grandes bancadas.

No topo norte ficava a cozinha, onde pontificava o

senhor Monteiro.

A sopa vinha em terrinas de alumínio, e o prato, em grandes travessas, também de alumínio, que se colocavam a meio das mesas. Os pratos e as chávenas eram em louça. A água era servida em canecas de alumínio.

A meio da mesa sentava-se o trinchante, (normalmente, no primeiro ano, um aluno repetente), que distribuía a comida. Como tinha o poder de deitar mais ou menos sopa ou de distribuir os melhores bocados, e porque nem sempre agia com imparcialidade, era alguém para quem se olhava com certo temor. Sobretudo quem era mais pequeno, como era o meu caso.

Todos eram obrigados a comer de tudo. Pelo menos duas colheres das grandes, das de servir.

As refeições eram tomadas quase sempre em silêncio. Falar, só ao almoço e ao jantar nas quintas-feiras, nos domingos e nos dias feriados ou festivos, depois de comida a sopa.

Durante o silêncio havia alguém que se encarregava de fazer uma piedosa leitura, de um púlpito colocado a meio da sala.

As refeições eram boas, embora incluíssem pratos a que alguns não estavam habituados.

O almoço e o jantar eram precedidos de uma oração em latim, o *Benedicite*...

Quando, no tempo de silêncio, era necessário pedir a um colega que passasse alguma coisa – o pão, a água – havia um código, que consistia em levantar um ou mais dedos da mão. Quanto a palavras, nada.

O pequeno almoço constava de leite com cevada e um pão. No tempo das repetições com que se preparava o exame do terceiro ano, ou antes de uma grande caminhada, como era a peregrinação ao Sameiro, havia pequeno almoço de garfo, muitas vezes arroz de bacalhau.

O almoço e o jantar constavam de sopa e um prato. Sobremesa, em princípio fruta, só raramente era servida.

No começo do recreio das 17h00 era distribuído um pão a cada um. Era a merenda.

Confecionado na padaria do Seminário, como o pão de milho, era de razoáveis dimensões.

Parte do refeitório também era utilizada como capela, uma vez que a atual se encontrava em construção, como disse.

Já que falo em refeições, recordo a ajuda que o Seminário prestava a pessoas carenciadas da populosa Rua de S. Domingos, que ali iam, com latas, buscar sopa. Algumas comiam-na logo na rua, sentadas no passeio. Estava-se no rescaldo da II Guerra Mundial.

em que Portugal participava.

Ao lado de cada cama havia uma mesinha de cabeceira, com uma gaveta onde se guardavam objetos de uso pessoal e um espaço para o vaso da noite.

Quem, porque tinha o sono pesado, tivesse necessidade de, para não molhar a cama, ser acordado pelo guarda-noturno, deveria dar um nó com a toalha na cabeceira da cama.

Junto do dormitório ficavam os lavatórios e os sanitários.

Na parte nova, os lavatórios já eram constituídos por

sidade de o colchão ficar a secar, porque o guarda-noturno não tinha aparecido ou não tinha vindo a tempo.

Quem se limitasse a estender sobre o colchão lençóis e cobertores de qualquer maneira sujeitava-se a ter de fazer o trabalho de novo, mas com perfeição.

Tomávamos banho uma vez por semana, num balneário situado debaixo do topo sul do salão de estudo.

Tinha diversas cabines numeradas, cada uma munida de um chuveiro. No exterior destas havia um comando central, onde o Prefeito regu-

Salas de aula

Nas salas de aula não tínhamos carteiras individuais. Havia filas com compridas mesas com uma espécie de gavetas onde guardávamos os livros. Uma tampa em declive fazia de secretária. Por trás de cada mesa havia um banco comprido, onde nos sentávamos.

Íamos para as aulas em forma (dois a dois, com os pequenos à frente) e em silêncio.

As aulas eram todas no Seminário e todas principiavam e terminavam com uma oração.

Os professores eram todos sacerdotes, com exceção do professor de ginástica, o médico, Dr. João Leitão de Azevedo e Sousa, e de um finalista de Teologia, Manuel Pereira da Cunha, que se não chegou a ordenar.

No fim do terceiro ano havia exame, também no Seminário. Nos outros anos a passagem era pelas médias obtidas ao longo do ano. Podia transitar-se de ano sem nota positiva numa disciplina.

Antes ou depois de explicar as lições, os professores faziam chamadas orais, para avaliarem os conhecimentos. De tempos a tempos havia os pontos escritos, a que hoje chamam testes.

De manhã havia quatro aulas, com a duração de cinquenta minutos cada. No intervalo entre uma e outra tínhamos dez minutos de recreio.

Em alguns dias também tínhamos aulas ao começo da tarde. A maior parte desta, porém, era dedicada ao estudo, no salão, com intervalos para recreio e a recitação comunitária do terço.

Além dos domingos e feriados, também não havia aulas à quinta-feira. A manhã era passada, em princípio, no salão de estudo, com intervalos para recreio. O tempo era ocupado com o estudo, com atividades extra-curriculares – ensaios do grupo coral, por exemplo – com a distribuição de objetos de escritório ou de asseio e outras. À tarde, se o tempo permitia, íamos a passeio. ▀

(Continua na próxima edição)



No recreio do Seminário Menor. 15 de junho de 1951.

Dormitório

Durante os quatro anos que frequentei o Seminário de Nossa Senhora da Conceição dormi sempre em grandes camaratas, em cada uma das quais havia um biombo, no qual descansava o Padre Prefeito, depois de se inteirar de que os alunos já dormiam.

O biombo era constituído por pedaços de pano cru, suspensos de uma armação em ferro. Se o Prefeito não tinha o cuidado de apagar a luz em determinados momentos, proporcionava, involuntariamente, algumas sessões de sombras chinesas.

Havia Prefeitos que tinham lá um rádio. Durante as provas internacionais de hóquei em patins permitiam que, altas horas da noite, pudéssemos vibrar com os jogos

bacias de louça com água canalizada, mas na parte antiga eram um conjunto de bacias de esmalte colocadas sobre um comprido banco de madeira, nas quais despejávamos água de um jarro.

Papel higiénico era coisa que não existia nas instalações sanitárias.

Fazíamos uma breve oração comunitária, sentados na cama, de manhã e à noite.

Juntamente com a capela e as instalações sanitárias, o dormitório era um dos locais onde o silêncio era exigido com maior rigor. Quem o transgredisse arriscava-se a três oitos em comportamento: piedade, disciplina e civilidade.

Após a higiene pessoal cada um fazia a sua cama, a não ser que houvesse neces-

lava a temperatura da água e o tempo do banho.

A parte superior da cabine era envidraçada. Quando o Prefeito se queria certificar de que um seminarista estava de facto debaixo do chuveiro, mandava-o levantar a mão.

Os que tinham necessidade de fazer a barba, à quinta-feira e ao domingo, de manhã, iam aos lavatórios existentes junto do dormitório.

Os que assobiavam pela barba, às escondidas do Prefeito tentavam, na carteira, a seco, com uma gilete, cortar os pelos ou acertar os cantos do cabelo, ao lado das orelhas. Às vezes eram orientados pelo companheiro do lado que, por brincadeira, os levava a cortar mais do que o devido.